

D. JOÃO DA CÂMARA

TEATRO COMPLETO

II



MMVI

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

Título: Teatro Completo

Vol. II

Autor: D. João da Câmara

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Revisão do texto: Paula Lobo

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Abril de 2006

ISBN: 972-27-1467-8

Depósito legal: 235 272/05

D. JOÃO DA CÂMARA

TEATRO COMPLETO

II

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2006

O PÂNTANO

Drama em 4 actos

Representado, pela primeira vez, no Teatro de D. Maria II, em 10 de Novembro de 1894. Distribuição de actores: Duque — *João Rosa*; Alfredo — *Augusto Rosa*; Barão — *Augusto Antunes*; Doutor — *Augusto de Melo*; José — *Ferreira da Silva*; Mendigo — *Bayard*; Luísa — *Lucinda Simões*; Duquesa — *Emília Lopes*; Matilde — *Delfina*; Baronesa — *Augusta Cordeiro*; Pastora — *n. n.*

O 'PANTANO' — O DESEMPENHO



A interpretação do original, sugestivo o simbólico papel do mórdomo, foi apenas um *pot-pourri* de todas as melancolias que há vinte annos penam, passam e perpassam pelos theatros que cultivam o melodrama. Uma série de imitações em que, nem sequer foram esquecidas as gargalhadas do preto do O' Kill. Estará isto á altura do moderno drama psych-symbolista?...

O PANTANO... IMPRESSÕES



Cruzes canhoto! O drama de agora, próprio para ver em dia azulado, a 13 e a terça-feira. Arrripa as carnes... Figas!

Uma paralytica que fez vassouri-nha. Uma idiota que deu beijos na pedra fria... fria... fria!... E um moluco que a todos intruja, e faz com que o Daque não tenha mais arados, não chame um medico que ora o mais preciso e urgente, a não mude de casa, só para conservar o nariz em cima do pantano. Irribui!...

Faz pela do gatinha e volta a gente do avesso



Até a distinta atriz Lucinda parece uma rapu-riga malcreada, a fazer caretas ao publico, a ter gestos de pessoa da rua, e a concorrer ao premio do baile do mascarado de Justino, vestida de 1.ª segonda... Cruzes canhoto!...

E' drama para ser visto entre um zarelho e um cereunda. Só assim se quebrará o enguiço.



A! salda: — «Então, heio? A ouvir ladrar os cães, durante todo o santo dia, e ainda por cima ouvi-os ulvar à noite, para se distrahir! Olhem que peça para umcalita!...»



Perdão, meu querido D. João da Camara. Deixa essa arte do Norte, e volta para nua. Fox arte portuguesa, que nos consola a alma e nos livre da pesadelos e tristezas. Pedido d'um pobre admirador do teu grande talento.

O PANTANO...IMPRESSÕES



Cruzes canhoto! E' d'uaes de ago negro, proprio para ver em dia axingó, a 13 e á terço-faixa. Arripia as carnes... Figas!



Uma paralytica que faz vassouri-nha. Uma idiota que deu beijos na pedra fria... fria... fria!... E um maluco que a todos intruja, e faz com que o Duque não tenha mais credos, não chame um medico que era o mais preciso e urgente, e não muda de casa, só para conservar o nariz em cima do pantano. Irrribu!...



Faz peito de gallinha e volta a gente do avião



Até a distinta actriz Lucinda parece uma rapu-rita malcreada, a fazer caretas ao publico, a ter gestos de pessoa da rua, e a concorrer ao premio do baile do mascaras do Justino, vestida de f. legonda... Cruzes canhoto!...



E' drama para ser viato entre um zarolho e um corcunda. Só assim se quebrará o enguiço.



A' sabida: — «Então, hein? A ouvir ladrar os cães, durante todo o santo dia, e ainda por cima ouvi-los uivar á noite, para se distráhir! Olhem que peça pa-ra' urucattita!...»



Perdão, meu querido D. João da Camara. Deixa essa arte do Norte, e volta para n'ra. Faz arte portugueza, que nos console a alma e nos livre da pesadelo-los e tristezas. Pedido d'um pobre admirador do teu grande talento.

Variações

(Impressões da primeira do PANTANO)



E' noite... Noite fria e triste. O theatro Normal está mergulhado em trevas. Oh! como a noite é fria e o theatro Normal está mergulhado em trevas! E' noite! Chove!... Os morcegos e as corujas vem bater de encontro ás tipóias que estacionam ao longo do Rocio... Chove!... E' noite... noite fria e triste!... O theatro Normal está mergulhado em trevas!... Oh! o latir d'aquella cão...



Um desconhecido abeira-se d'um espectador do Pantano, passando ao longo do Rocio, em attitude subador, fragiosa e ansiosa.

DESCONHECIDO.—Então? que tal é a peça? Bonita, hein? Grande exito!

ESPECTADOR (tendo ainda nos ouvidos o riso de Ferreira da Silva).—Ahi... Ahi... Ahi... A peça é bonita, hein? Ahi... Ahi... Ahi... Não! não!... Eu guardo esse cofre... Mas os meus olhos não hão de ver essas retratitas! Mulheres! Mulheres! A peça bonita, hein? Ahi... Ahi... Ahi... Ahi...

DESCONHECIDO.—E' então uma tragedia? ESPECTADOR.—Uma tragedia?... Já sobem os phantasmas do pantano! Como ellas sobem, os phantasmas do pantano! Vem desfazer-se de encontro aos muros do palaeo!... Uma tragedia?... Ahi... Ahi... Ahi... Mulheres! Mulheres!...



O Espectador afasta-se e o Desconhecido dirige-se ao Martinho para tomar um café. N'uma mesa ao lado é encimado a algazarra dos criticos.

1.º CRITICO.—Não senhor! não é tal! E' uma peça da escola allemã!

2.º CRITICO.—Oh! que anseiral! Uma peça allemã!

3.º CRITICO.—Como o *Fim de Sodoma* e o *Amigo Fritz*!

4.º CRITICO.—Fôra o bruto!

5.º CRITICO.—Mas então o que é? diga lá você, se é capaz!

6.º CRITICO.—E' uma peça como a do *Heuer*!

Ora dhi nã!

7.º CRITICO.—Mas quem é o *Heuer*? Tu já o lêste?

8.º CRITICO.—O *Heuer* é um autor dramatico que escreve no genero do *Mysterlock*!

9.º CRITICO.—Não é tal! E' um autor do genero do *Talstoi*!

10.º CRITICO.—O quê? Do *Talstoi*? Oh! que anseiral!

11.º CRITICO.—Sim, senhor, do *Talstoi*! O *Talstoi* tambem é um symbolista!

12.º CRITICO.—Mas o que é o symbolismo?

Todos (vão j'isso).—Fôra o animal! Fôra o animal! Não sabe o que é o symbolismo! Fôra o animal!

O CRITICO n.º 2327.—O symbolismo é a traductio graphica de todas as sensações e cogitações, tanto cerebraes como affectivas, que um symbolista exprime a que as symbolistas entre si comprehendem, sentem e apreheem, pela simples razão de que o symbolismo é um estado do praeo dos vãos apenas, incomprehensivel para o resto da humanidade vulgar e barbaes. *Gloria in excelsis Deo!*

TODOS.—Bravo! bravo! Viva o 2327! Viva o symbolismo!

O CRITICO n.º 1.—E que se ha de fazer do *Shakspeare*, do *Moliere*, do *Racine*, do *Corneille*, do *Beaumarchais*, do *Vicior Hugo*, do *Harrett*!

O CRITICO 2327.—Tudo isso morreu, tudo isso passou de moda! Autores vulgares e banaes que escreveram peças que a publicão do seu tempo comprehendem logo á primeira noite. Essa gente não conta. São os autores do vulgo. Jazem no barril do lixo! Enquanto que o symbolista não os autors do futuro! Os autors das almas e dos espiritos requintados.

TODOS.—Fôra com os outros! Viva *Mysterlock*!

O Desconhecido ao do Martinho... E' noite... noite fria e triste... Oh! como a noite é fria! Ao longe viva Sataros...

O Desconhecido entra em casa. A familia tambem foi a D. Maria. Dirige-se á filha...

DESCONHECIDO.—Então, gostaste da peça?

Que impressão te fez? E' bonita?

A FILHA DO DESCONHECIDO.—Cubiram os olhos a minha boneca!... Agora tem dois barbaes que olham para mim, e me fazem rido...



DESCONHECIDO.—Nas te aflijas!... Dou-te ágnha outra boneca... E que tal é a peça?

A FILHA DO DESCONHECIDO.—Quero agora uma boneca com cabellos de ouro e olhos amarellos.

DESCONHECIDO.—Isso é que não será fácil! Ha olhos azues, e práticos, a castanhos. Mas olhos amarellos á que não ha, minha filha.

A FILHA DO DESCONHECIDO.—Pois emu olhos amarellos é que u quero! Teaho tanto frio! Vou-me deitar.

DESCONHECIDO.—Dá cá um beijo!

A FILHA DO DESCONHECIDO.—Um beijo é que não!... Não posso!... Levaram-me ao cemiterio... dei um beijo n'uma pedra fria, e os meus beijos estão frios... Já não dou beijos!

A mulher apparece, de olhar inerte, passos hesitantes, visivelmente preoccupada.

DESCONHECIDO.—E' noite!... Vamo-nos deitar!

A MULHER DO DESCONHECIDO.—Deixe-me!... Preciso estar só! Que quer de mim? Deu-me o seu nome, a sua honra, a sua fortuna, por uma hora do meu amor, e tu dizes-me uma noite inteira!

DESCONHECIDO.—Como os teus olhos brilham esta noite!... Brilham os teus olhos como na primeira noite do nosso amor!

A MULHER.—Deixe-me! Deixe-me!

DESCONHECIDO (agurrando-a e levando-a consigo) E's minha. Vem! Vem! *Gloria in excelsis Deo!*



Entre pessoas cultas, sãa d'espirito, extranhas ao Mortuho e á critica mas sinceras admiradoras do talento do dramaturgo. N'uma sala do *Gremio*. São duas horas da madrugada.

—E então?...

—Então?... Um drama incoherente, com todos os *trucs* do velho melodrama, com uma acção confusa, com personagens confusos, fóra de toda a logica e de toda a verdade humana, um drama symbolista, á maneira da *Princesse Maleine* e do *Intrusa* d'esse extravagante e protencioso Maeterlinck...

—Mas quem escreveu o *Afonso VI*, o *Alcacer Kibir* e os *Velhos*, é impossivel que abandone a verdade e brilhante feição do seu talento, que lhe proporcionou tão altos e tão justificados triumphos, para se lançar n'essas extravagancias pseudo-psychologicas dos hysterics degenerados do symbolismo!

—N' o que os seus admiradores sinceros esperam. Mas os artistas têm d'estes caprichos que escapam á analyse; e foi por isso que D. João da Camara nos deu *O Pantano*, uma bellissima nação melodramatica, um pesadello, uma pesadella do auctor de talento, pois em tudo aquillo ha talento e muito talento, quer sob o ponto de vista theatral, quer sob o ponto de vista litterario.

—D'onde se deve concluir?...

—D'onde devemos concluir que o genio tem que fugir a sete pés da tyrannia das escolas e das nittas litterarias e artisticas.

QUIDAM

O PÂNTANO

PERSONAGENS:

O DUQUE
ALFREDO
O BARÃO
O DOUTOR
JOSÉ
Um MENDIGO
LUÍSA
A DUQUESA
MATILDE
A BARONESA
Uma PASTORA
Criados, convidados, mascarados, etc.

Acto I

Sala em casa do Barão. Porta ao fundo e laterais. Fogão no primeiro plano à esquerda. Entre o fogão e a porta, um biombo. É noite.

CENA I

A BARONESA e o DOUTOR

(Sentados, conversando junto do fogão.)

DOUTOR — Então é certo.

BARONESA — Certíssimo.

DOUTOR — Um dos dois tem de casar.

BARONESA — De casar.

DOUTOR — Curvo a cabeça, não perante a evidência, mas em respeito à sua infalibilidade. Não creio, porém...

BARONESA — Oh! Doutor! Pelo amor de Deus, não diga *porém!*

DOUTOR — Porquê?

BARONESA — Nem pergunte *porquê*.

DOUTOR — Mas...

BARONESA — *Mas* ou *porém* dão na mesma.

DOUTOR — Detesta as adversativas.

BARONESA — E as causais. Decidi, decidi.

DOUTOR — Permitirá, contudo...

BARONESA (*enfadada*) — *Contudo!*

DOUTOR — ... uma observaçãozinha. A Baronesa, que trata apenas dos amores dos outros, não tem decerto idade para simples casamenteira.

BARONESA — Como mulher que se preza e pretende viver bem no mundo e em sua casa, tenho a idade de meu marido.

DOUTOR — Bonita idade! Parabéns!

BARONESA — Oh!... Doutor!

DOUTOR — Exactamente a minha. Cinquenta e seis anos.

BARONESA — A minha vida desliza docemente; sou rica, satisfaço todos os meus caprichos; adoro meu marido, que me paga sem grandes assiduidades incômodas; não tenho filhos, nem tias velhas, nem exaltações de nervos; casei por conveniência e cheguei a esta idade sem nunca ter amado, nem devendo amar agora.

DOUTOR — Aos vinte e nove anos!

BARONESA — Perdão, aos cinquenta e seis. Para não morrer de sensaboria, decidi então fazer amar os outros.

DOUTOR — E tem-se dado bem?

BARONESA — Já casei sete...

DOUTOR — Sete infelizes!

BARONESA — Perdão, catorze. Mas a culpa é deles. Imagino um casamento, que me parece bem...

DOUTOR — Reúne as vítimas...

BARONESA — Reúno as vítimas, elogio-as mutuamente... Uns elogios espantosos, não faz ideia! Se luz um nadinha de amor, assopro; as minhas visitas, muito amáveis, assopram também; o Barão, sem saber de que se trata, entra no coro dos assopros. A chama ateia-se!... Eu tomo apontamentos na carteira... por causa da outra vez. Uma bela noite, entra meu marido e dá-me a adivinhar uma coisa que toda a gente já sabia menos ele; eu finjo que nada sei e passo três horas divertidíssima! O Barão — «Frio!... Frio!...». Até que me dá gloriosamente a notícia do ajuste do casamento das duas vítimas... Como lhes chama o Doutor. É delicioso.

DOUTOR — E depois?

BARONESA — Ah! Isso já não é comigo. Eu sou fogueiro de bordo; não vou ao leme.

DOUTOR — E nem um só escrúpulo?

BARONESA — Nem um só.

DOUTOR — Nem desta vez, se conseguir o seu intento?

BARONESA — Pois duvida? O Duque ama Luísa, Luísa ama Alfredo... já vê que um dos dois tem de casar!

DOUTOR — Suponhamos o Alfredo.

BARONESA — É-me indiferente.

DOUTOR — E o Duque? Olhe que está na idade em que o tempo já não pode sarar as feridas do coração. Conheço-o e conheço-lhe a família. Sei por isso que horroroso futuro o espera. Depois daquela misteriosa morte do irmão mais novo...

BARONESA — Um tiro dum cigano.

DOUTOR — Diz-se. A mãe endoideceu, a pequenita que o assassinado deixou...

BARONESA — Tontinha.

DOUTOR — Misteriosa, como tudo o é naquela casa. Em viagem pela província, passei por lá um dia. O Duque recebeu-me com a tranquila amabilidade, a serena distinção, que lhe conhece. Apresentou-me a sua mãe, que nem ouviu o meu cumprimento, à pequena, que voltou para mim os grandes olhos negros, espantados... Um criado velho, fantástico à força de velho, rondava por ali, com modos de além-túmulo, magro, silencioso, estranho naquele palácio arruinado, de telhados corcovados, com janelas a que faltam as portas interiores, lembrando o olhar das caveiras...

BARONESA (*exagerando*) — Diz-se até que as almas do Outro Mundo...

DOUTOR — Não ria. Estive lá numa tarde de Outubro, quente ainda como um dia de verão. Ao despedir-me do Duque, senti-lhe as mãos frias, frias.... Meti as esporas ao cavalo para que a noite não me apanhasse na charneca.

BARONESA — Casaremos Luísa com o Duque... para o alegrarmos.

DOUTOR — E o Alfredo?

BARONESA — Teme que morra de desgosto?

DOUTOR — Não, mas, francamente, acredito pouco na moralidade desse figurão.

BARONESA — Que quer dizer?... (*Repreensiva.*) Luísa...

DOUTOR — Quem lho disse?

BARONESA — Recebo-a em minha casa.

DOUTOR — E a mim também, entretanto...

BARONESA (*rindo*) — O Doutor é muito diferente e as suas histórias devem ser tão velhas...

DOUTOR — Deixa-me dizer-lhe com franqueza o que penso da sua nova amiga? Desde quando a conhece?

BARONESA — Há seis meses.

DOUTOR — Onde veio?

BARONESA — Não sei.

DOUTOR — É viúva?

BARONESA — Diz-se.

DOUTOR — Dum americano, não?

BARONESA — Diz-se.

DOUTOR — Que idade tem? Desde quando é viúva? É rica? Pobre? Onde nasceu? Que fez até agora?

BARONESA — Não sei.

DOUTOR (*imitando-lhe o tom repreensivo*) — Mas Luísa...!

BARONESA — Sabe alguma coisa?

DOUTOR — Nada absolutamente, senão que detesto essa mulher.

BARONESA — Porquê?

DOUTOR — Não sei.

BARONESA (*rindo*) — Pelos motivos porque eu a adoro.

DOUTOR — Talvez, mas não gosto de mistérios e muito menos de mulheres misteriosas. Nada sabemos dela, e, entretanto, por um condão, que não é privilégio de virtuosas, tem um não-sei-quê sedutor, pior ainda, dominador. Abriram-lhe todas as portas, meia cidade ajoelhou em frente do ídolo, o Duque, para conquistá-la, mostra-lhe os cabelos que lhe embranquecem de desespero em cada noite, e eu mesmo seria seduzido e dominado, eu com os meus cinquenta e seis, se não fosse o não querer sentir, quando não sei porque sinto. É uma mulher perigosa, que fez algum pacto estranho.

BARONESA — Agoiros.

DOUTOR — Seja.

BARONESA — Confessa.

DOUTOR — Um mau palpito, confesso.

BARONESA — Tratamos de palpites; seja uma questão de sorte. Navegaremos em pleno mundo fantástico! Pedi ao meu marido que convidasse aquele dos dois que encontrasse primei-

ro. É claro que não me convém juntá-los. O escolhido pela sorte será meu escolhido e portanto o noivo da Luísa. O Doutor ajuda-me?

DOUTOR — Eu?

BARONESA — A começar hoje, sim?

DOUTOR — Nunca!

BARONESA — Enguiços?

DOUTOR — Sim, senhora; é sexta-feira.

CENA II

Os mesmos e o BARÃO

BARÃO (*entrando, muito alegre*) — Alvissaras, Genoveva! (*Reparando no Doutor.*) Adeus, Doutor. Minha mulher encarregou-me dum recado...

DOUTOR (*apertando-lhe a mão*) — Que o Barão, vista a alegria, satisfaz além das marcas.

BARONESA — O Jorge embriaga-se com as notícias boas que me traz.

BARÃO — Questão de sorte. Tinha-me ela pedido que convidasse para esta noite o Duque ou o Alfredo, aquele que encontrasse primeiro. Ora adivinhem o que me acontece. Dou-lhes uma... dou-lhes duas... Ainda não?... Encontro-os juntos no mesmo grupo!

BARONESA (*ansiosa*) — E qual convidaste?

BARÃO — Ora essa! Convidei ambos!

DOUTOR — *Dead-heat!*

BARONESA — Como nas corridas. O pior é que o prémio não é repartível.

DOUTOR — Quem sabe?

BARÃO (*rindo*) — Tem graça, muita graça! *Dead-heat*, como nas corridas! Não sei de que se trata, não percebo, mas acho imensa graça! (*Fica-se a rir.*)